

Conte algo que não sei

'Brasileiro compra pela internet sem saber os riscos'

Félix Blanc, pesquisador de redes submarinas de comunicação

Especialista em cibersegurança, francês veio ao Rio para trabalhar por seis meses como pesquisador visitante da Fundação Getúlio Vargas

"Sou PhD em Ciência Política e colaborei por cinco anos com o Instituto de Estudos Estratégicos do Ministério da Defesa francês, em temas como drones, ética militar e relações entre civis e militares. Hoje, participo de discussões sobre cibersegurança e governança da internet."

ENTREVISTA A:

ANNELIZE DEMANI

annelize.demani@infoglobo.com.br



- Conte algo que não sei.

Em 2014, no Brasil, houve três vezes mais ataques cibernéticos do que de costume, por causa da Copa do Mundo. Desses ataques, 50% eram de origem nacional, o que pode ser, paradoxalmente, algo positivo. Esse fenômeno mostra que existem pessoas no Brasil com muito conhecimento de informática.

- Essa questão remete à cibersegurança. Por que ela é importante?

Ela é importante em muitos aspectos, sendo um deles o comércio eletrônico. No Brasil, a internet se desenvolveu muito rápido, e o hábito das pessoas não acompanhou essa velocidade. Logo, os brasileiros compram muitas coisas pela rede sem saber dos riscos, e, infelizmente, não temos regulações para evitá-los. Isso significa que as pessoas se tornam suscetíveis a

ataques virtuais no cotidiano. Quando Edward Snowden revelou que Lula e Dilma Rousseff eram espiados por americanos, deixou subentendido que qualquer tipo de pessoa, inclusive o presidente da República, pode se tornar alguém vulnerável. O Brasil tem muita "ciberinsegurança".

- Como garantir a integridade das informações?

Ainda não é muito conhecido quem gerencia e regula os cabos submarinos por onde os dados passam, e quais atores têm acesso a essas estruturas. Atualmente, todas as fibras submarinas do planeta passam pelos EUA. Em 2013, Snowden disse que o país copiava todos os dados que trafegavam por elas. Se os EUA realmente se aproveitavam disso, será que outros países não estão fazendo a mesma coisa? Por isso, pesquise uma forma de fazer com que os ca-

bos não passem mais pelo território americano.

- Como as pessoas podem se proteger na internet?

Existem vários níveis de complexidade, e é muito difícil dar dicas básicas de proteção. No entanto, trabalhar com senhas que não sejam "123", usar softwares livres e atualizar programas e aplicativos com frequência, para não ficar com uma versão desprotegida e vulnerável, podem ajudar. Se houvesse políticas públicas inteligentes para o assunto, também seria algo bem positivo.

- O que é criptografia e como ela pode nos ajudar?

A criptografia é muito antiga no âmbito militar. Os romanos a usavam para que os inimigos não entendessem uma determinada mensagem. A partir dos anos 1980, ficou mais acessível e virou uma ferramenta não somente de uso militar, mas apli-

cável a serviços na internet. O interessante é que, hoje em dia, governos, serviços secretos e empresas exploram a criptografia. Teoricamente, ela estaria acessível a todos, mas a maioria das pessoas não tem as competências necessárias para dominar a tecnologia, não é educada para usá-la e fica vulnerável. Quem tem o conhecimento pode incrementar a criptografia facilmente, porque ela está mais democratizada. O problema é justamente o acesso.

- Falando em acesso, como a internet consegue chegar ao interior de um país?

Os cabos submarinos passam somente pelo litoral dos países. Então, o interior tem uma desvantagem. No entanto, lugares mais desenvolvidos, como Europa, China e EUA, têm estratégias para viabilizar o acesso. A tecnologia de satélite é um exemplo que conecta mais localidades do interior.

Poder em jogo



LYDIA MEDEIROS

O tempo político

A vitória de Michel Temer na Câmara encerra uma crise de mais de cinco meses e anima parte da elite política e econômica do país na busca por um candidato de unidade das forças de centro em 2018. Nos meses em que o presidente esteve ameaçado de perder o cargo, as instituições do país mostraram resiliência, o que foi decisivo para o dólar não disparar, a inflação não subir (caiu em boa parte devido à recessão) e os juros seguirem a trajetória de queda, atingindo ontem 7,5%. Manter Temer no poder, porém, custa caro aos cofres públicos, com o impulso que ele deu à política baseada em trocas de verbas e favores. As reformas que seriam a marca de sua gestão ficaram incertas. Poucos acreditam que sejam aprovadas às vésperas da disputa eleitoral. Agora, a procura é por um nome confiável ao eleitor de centro. Temer ganhou sobrevida. Ontem, porém, enquanto estava internado no Hospital do Exército, seu governo já era considerado passado no Congresso.

Plano B

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) é hoje o nome mais citado para representar o eleitorado de centro nas eleições. Eventualmente, Rodrigo Maia poderá passar a ser visto como alternativa se o tucano não decolar.

Visita surpresa

Exonerado do Ministério da Saúde para votar a favor de Temer, Ricardo Barros (PP) deixou o plenário da Câmara para atender a um chamado do 1º vice-presidente do Senado, Cássio Cunha Lima (PSDB), de reunião de urgência sobre o desabastecimento de medicamentos excepcionais na rede do SUS em todo o país. Encontrou o gabinete de Cunha Lima cheio de senadores da oposição e de doentes crônicos exaltados. "O senhor vai nos matar, ministro", gritou uma das presentes. Desconfortável com o clima, Barros saiu pressionado a regularizar a situação assim que voltar ao comando da pasta.